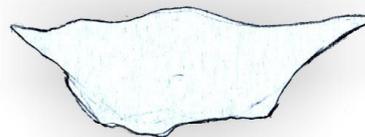
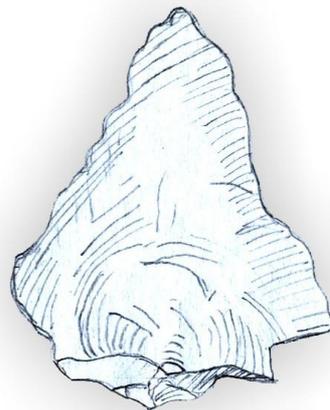
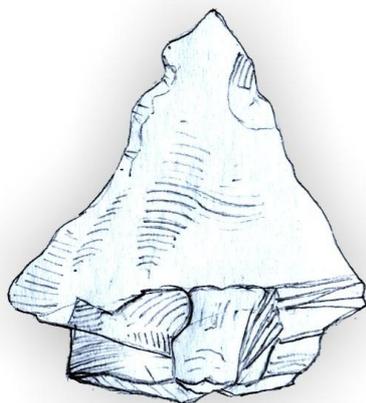
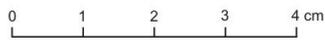
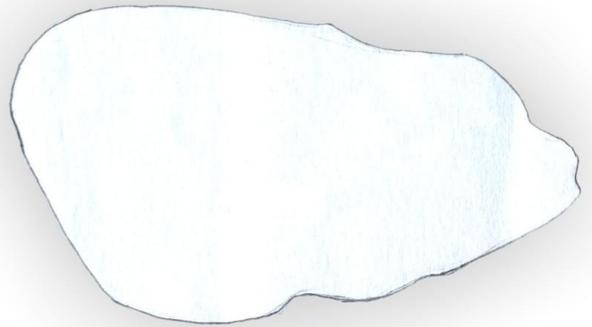
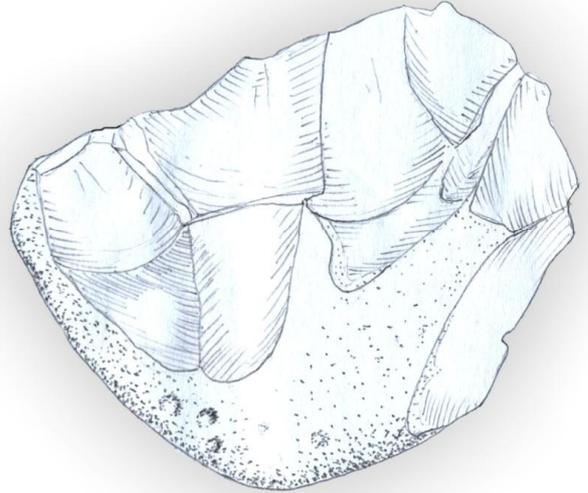
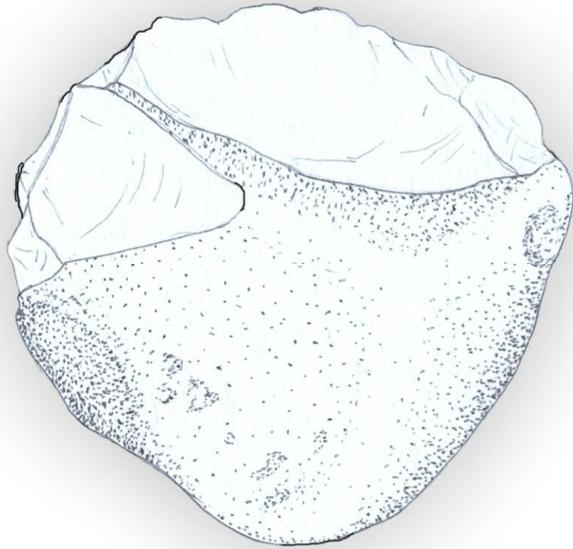


0 1 2 3 4 cm

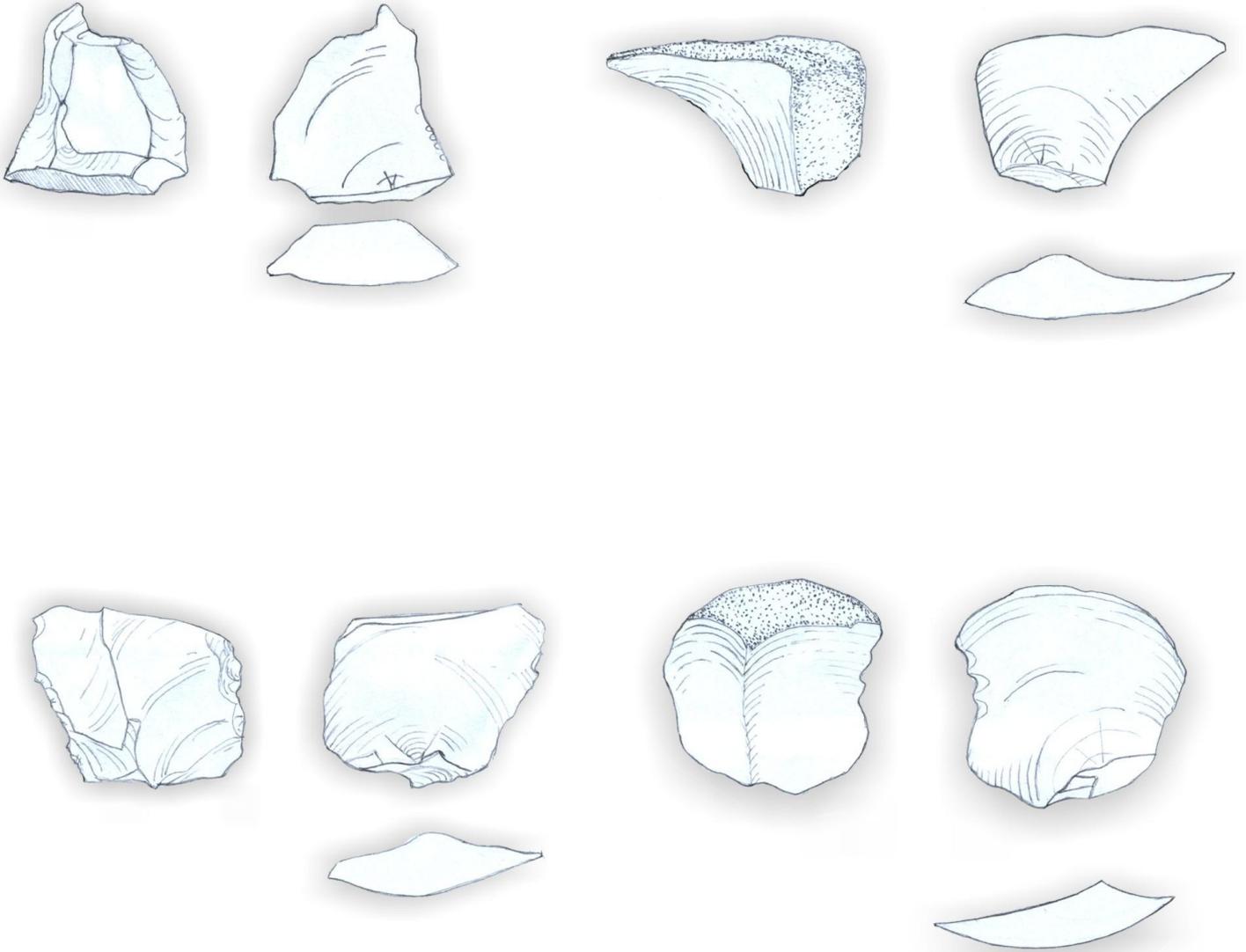
GO-Ja.33 Sítio Jaguarundi, AE1. Lascas utilizadas.



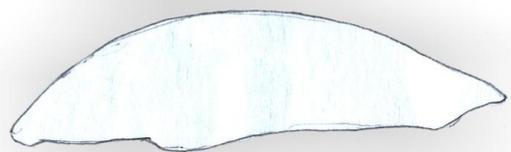
GO-Ja.33 Sítio Jaguarundi, AE3. Ponta de projétil.



GO-Ja.33 Sítio Jaguarundi, AE63. Talhador.



GO-Ja.33 Sítio Jaguarundi, AE3. Lascas utilizadas.



GO-Ja.33 Sítio Jaguarundi, AE3. Lasca cortical utilizada.



(Foto: Veter Quirino)



(Foto: Veter Quirino)

Capítulo 6

Tipologia da cultura material faunística e malacológica

De acordo com a literatura, a ocorrência de um sítio arqueológico em uma dada porção da paisagem pode ser uma função da diversidade do ambiente local. A reocupação de um sítio também é vista como uma função da estabilidade da diversidade do ambiente local através do tempo. A quantidade de áreas de captação e o grau de diversidade ambiental podem indicar a função, o tipo e a intensidade de ocupação de um sítio (Tiffany e Abbott, 1982).

O sítio Jaguarundi está inserido em um bioma caracterizado como Cerrado. O gradiente ecológico heterogêneo de Cerrado é definido por uma ampla área de captação de recursos. No Brasil, este mosaico ambiental foi, portanto, cenário de sucessivas perambulações humanas pretéritas no ambiente durante os eventos de subsistência e outras atividades culturais.

O Cerrado é um bioma caracterizado por peculiaridades sazonais e paisagísticas que interferem na distribuição e na acessibilidade/conspicuidade da fauna. Estabelecer a sazonalidade das ocupações dos grupos pré-históricos e/ou pré-coloniais humanos, em determinadas regiões, é um relevante aspecto para a reconstrução de suas estratégias de subsistência e assentamento. Neste contexto, o registro zooarqueológico revela-se como um importante subsídio para o desenvolvimento destes temas, uma vez que os dados arqueofaunísticos refletem as nuances locais de um bioma e as estratégias de subsistência humana.

Técnicas e métodos aplicados ao estudo da arqueofauna

Foram analisados os vestígios da arqueofauna inerentes às campanhas arqueológicas realizadas em Jaguarundi, no ano de 2007, pertencentes às áreas de escavação 5, 6 e 7 (respectivamente, AE5, AE6 e AE7).

Tendo em vista a relevância dos estudos de Biogeografia, Ecologia e Zoologia regional aplicados à Zooarqueologia, os resultados de levantamentos faunísticos e de planos de manejo serviram como subsídios para as análises da arqueofauna resgatada

nas campanhas arqueológicas no sítio Jaguarundi. Contudo, outros métodos básicos também foram utilizados durante o processo de identificação dos vestígios faunísticos em questão, tais como a comparação de características taxonômicas por meio da coleção osteológica de referência do Laboratório de Pesquisas Arqueológicas (LPA) da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) (3) e consultas a sites, atlas e literatura especializada.

Durante a quantificação dos vestígios arqueofaunísticos resgatados, em ambos os abrigos, foram utilizados os seguintes índices de quantificação: NISP e NMI.

Para o efeito das quantificações, as assembléias arqueofaunísticas foram agrupadas por camada estratigráfica. Também foi aplicado um teste ANOVA para comparação entre os diferentes contextos.

Os vestígios arqueofaunísticos também foram discriminados entre componentes da alimentação e elementos pós-deposicionais. Foi compilada a presença de adornos e artefatos. Sob um estereomicroscópio foram verificadas marcas de uso, de corte e fragmentação; abrasão; corrosão; ação do fogo e da água, bem como de outros agentes naturais e/ou humanos sobre os vestígios orgânicos.

Composição arqueofaunística total

As análises realizadas revelaram que a arqueofauna resgatada no sítio arqueológico Jaguarundi representou uma amostra muito fragmentada (324 vestígios ósseos e conquiliológicos). Todos os vertebrados sub-recentes, identificados nesta amostra, corresponderam aos animais ainda hoje característicos do bioma do Cerrado (Quadro 22).

Foram identificados dois artefatos em ossos longos de mamífero. Devido à fragmentação destes artefatos, uma análise mais detalhada e a comparação com dados da literatura ainda são necessários para o estabelecimento da função destes.

Quantificação da arqueofauna

Conforme supra relatado, a arqueofauna resgatada no sítio arqueológico Jaguarundi representou uma amostra muito fragmentada. Torna-se possível constatar, para os vertebrados, um elevado número de fragmentos ósseos

Gráfico 1 - Relações entre as médias de NMI

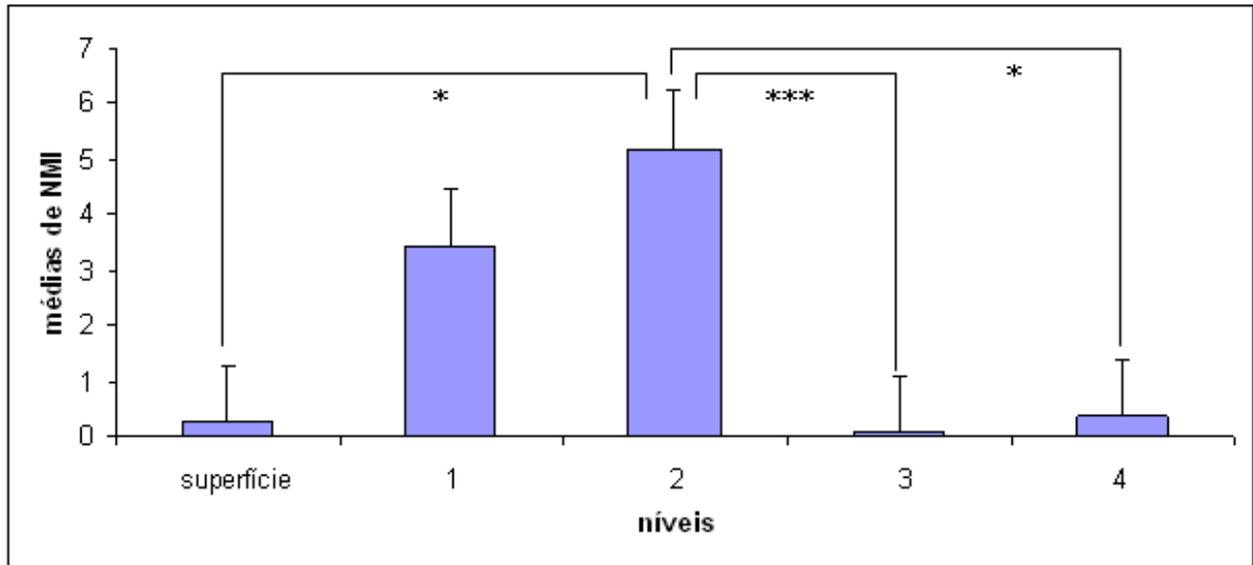


Gráfico 2 - NISP, NMI e fragmentos não identificados de ossos de mamíferos na superfície, sítio Jaguarundi

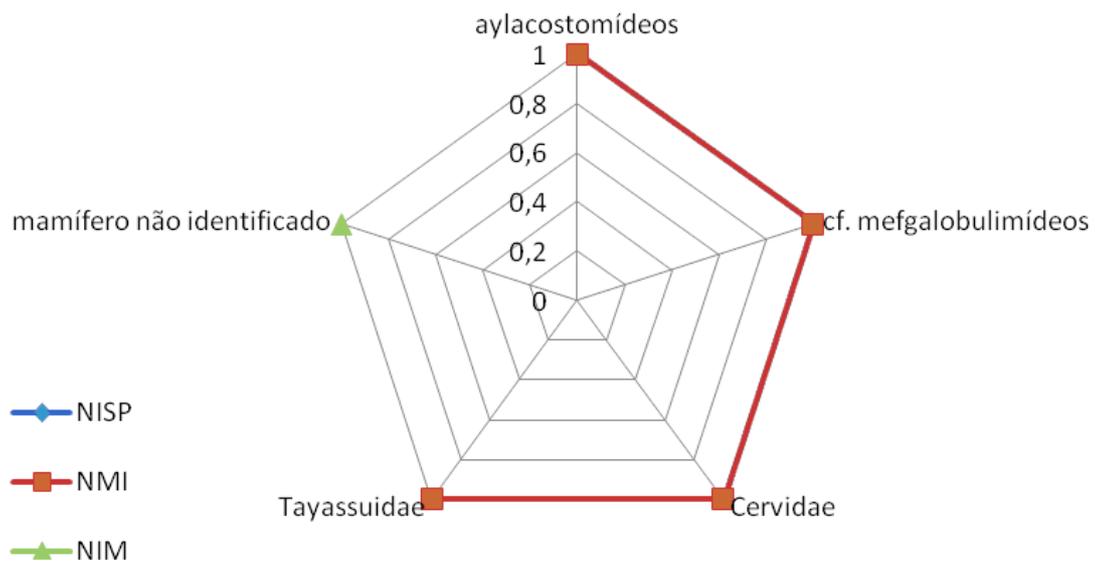


Gráfico 3 – NISP, NMI e fragmentos não identificados de ossos de mamíferos (NIM) no nível I, sítio Jaguarundi

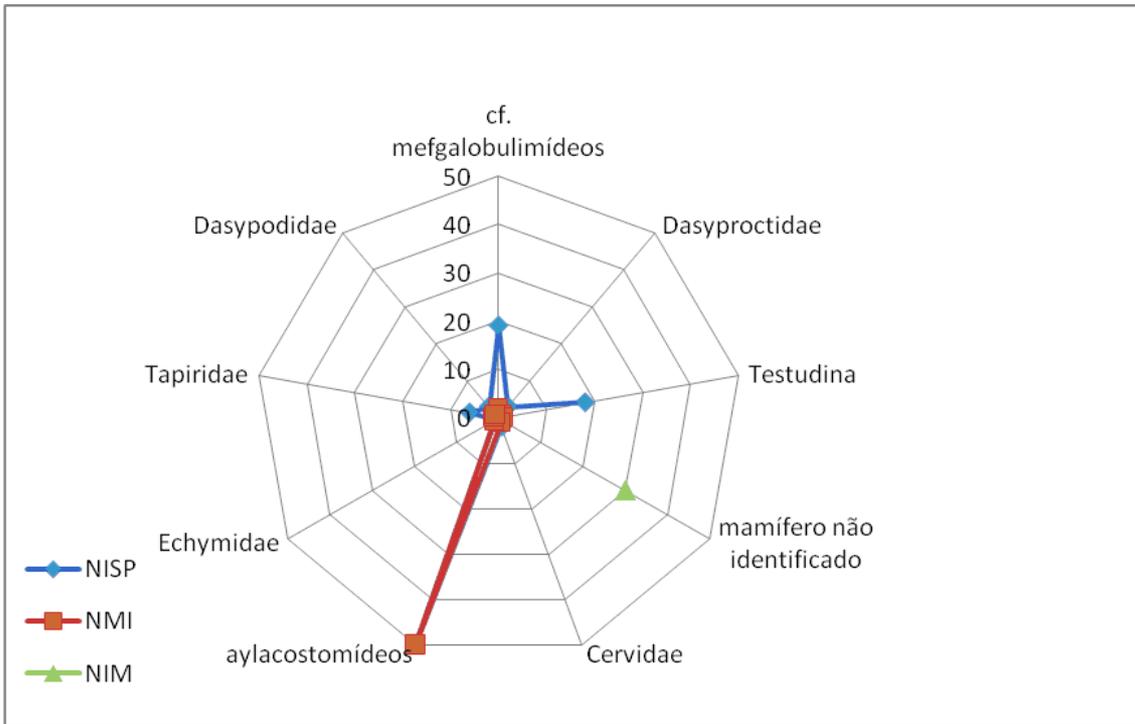


Gráfico 4 - NISP, NMI e fragmentos não identificados de ossos de mamíferos no nível II, sítio Jaguarundi

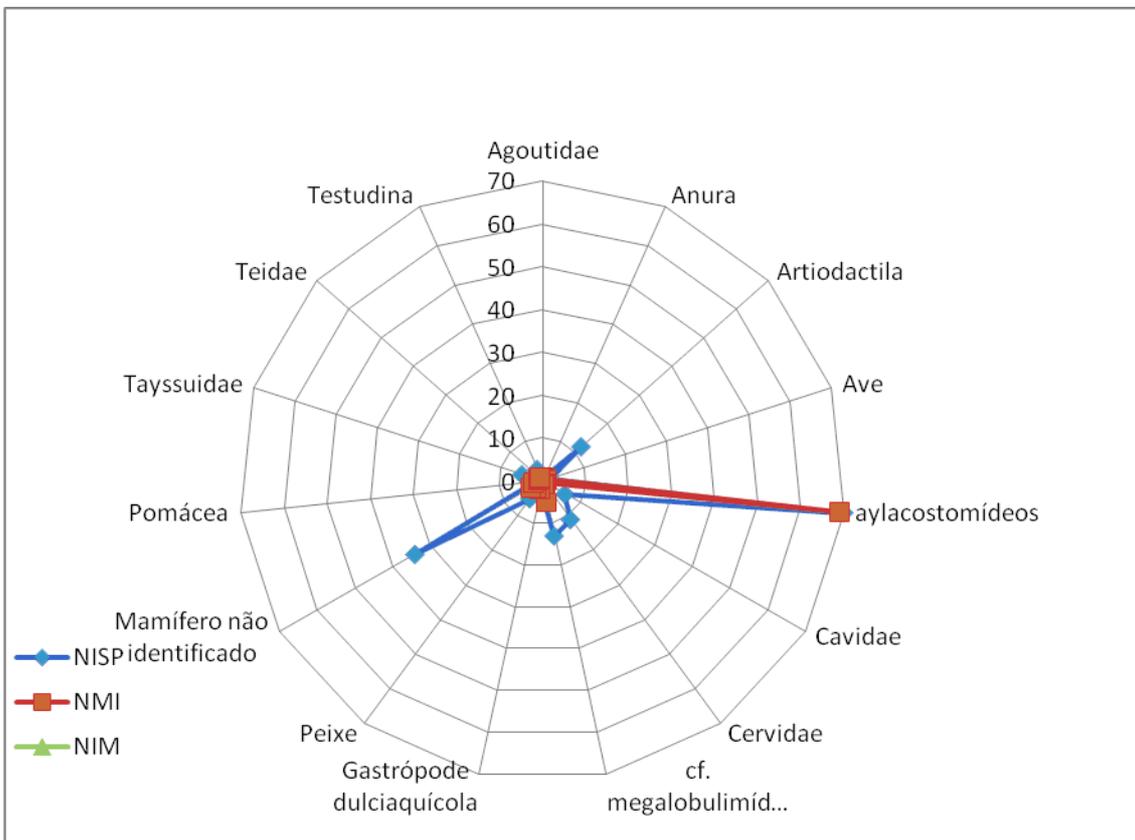
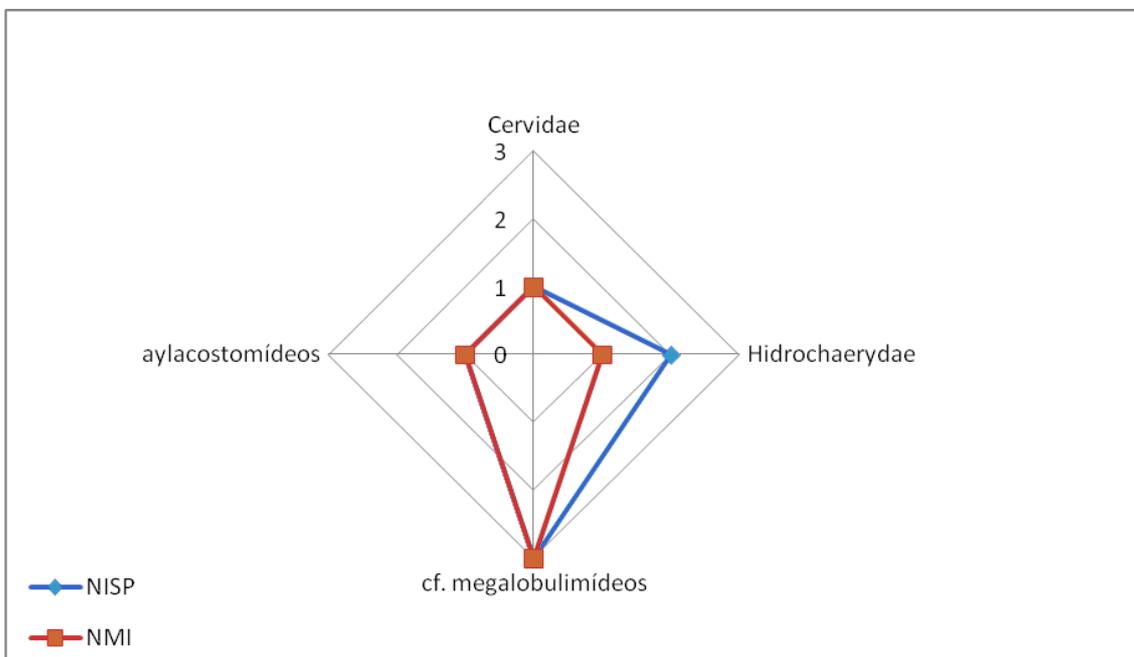


Gráfico 5 – NISP, MNI e fragmentos não identificados de ossos de mamíferos (NIM) no nível IV, sítio Jaguarundi



correspondente a poucos indivíduos taxonomicamente identificados. Neste contexto, foi abundante o número de fragmentos atribuídos às categorias taxonômicas menos específicas (classe e ordem). Por outro lado, ao longo das camadas foi possível observar uma diferença na composição taxonômica, ao longo dos níveis (Gráfico 1) (4).

Quadro 22 – Arqueofauna resgatada no sítio Jaguarundi

<i>Heperto fauna</i>	teídeos e testudinas
<i>Ornitofauna</i>	aves pequenas
<i>Mastofauna</i>	tapirídeos, cervídeos, taiassuídeos, pequenos, médios e grandes roedores (equimídeos, cavídeos, dasiproctídeos, agoutídeos e hidroquerídeos) e dasipodídeos
<i>Malacofauna</i>	<i>Megalobulimus</i> sp. e <i>Aylacostoma</i> sp. (além de gastrópodes terrestres intrusivos)

No Gráfico 2 (5) é possível verificar uma baixa representatividade taxonômica, tanto de vertebrados quanto de invertebrados, na camada superficial.

No Gráfico 3 (6), constata-se que, no nível I, houve um predomínio de gastrópodes em relação a qualquer outro táxon de vertebrado. Os gastrópodes mais abundantes foram representados pelo gênero *Aylacostoma* sp. (considerados oportunistas ecológicos e não atribuídos a componentes das dietas humanas pré-históricas). Vale ressaltar que, apenas no nível I foram evidenciados restos de dasipodídeos (tatus).

Conforme o Gráfico 4 (7), no nível II foram verificados os maiores valores de NISP e NMI para os gastrópodes *Aylacostoma* sp. Este gênero continuou a predominar em relação a qualquer outro táxon de vertebrados. Por outro lado, no nível II foram verificados os maiores índices de abundância e riqueza para a arqueofauna. Neste nível foram identificados, pela primeira vez, peixes, anuros e pomáceas, indicando, também, exploração de ambientes aquáticos.

No nível III não foram encontrados registros íntegros da arqueofauna. O registro zoológico deste nível foi representado por apenas um fragmento ósseo não identificado de mamífero. Vale ressaltar que as identificações, até agora realizadas para o memorial de qualificação, contemplaram cerca de 85% do registro arqueofaunístico do sítio Jaguarundi. Análises vindouras poderão revelar outros dados acerca do nível III.

No nível IV (Gráfico 5) (8), a riqueza e a abundância dos táxons têm uma diminuição, também constatada pelos baixos valores de NISP e NMI.

Quadro 23 – Quantificação geral do NISP, NMI e fragmentos não identificados de ossos de mamíferos (NIM) (9)

<i>Camadas</i>	<i>Taxa</i>	<i>NISP</i>	<i>NMI</i>	<i>NIM</i>
Superfície	<i>Aylacostoma</i> sp.	1	1	–
Superfície	Cf. <i>Megalobulimus</i>	1	1	–
Superfície	Cervidae	1	1	–
Superfície	Tayassuidae	1	1	–
Superfície	Mamífero não identificado	–	–	1
I	Cf. <i>Megalobulimus</i>	19	2	–
I	Dasyproctidae	3	1	–
I	Testudina	18	1	–
I	Mamífero não identificado	–	–	30
I	Cervidae	2	1	–
I	<i>Aylacostoma</i> sp.	50	50	–
I	Echymidae	1	1	–
I	Tapiridae	6	1	–
I	Dasypodidae	3	1	–
II	Agoutidae	1	1	–
II	Anura	1	1	–
II	Artiodactila	12	1	–
II	Ave	2	1	–
II	<i>Aylacostoma</i> sp.	70	69	–
II	Cavidae	6	1	–

Quadro 23 – Quantificação geral do NISP, NMI e fragmentos não identificados de ossos de mamíferos (NIM) (9)

<i>Camadas</i>	<i>Taxa</i>	<i>NISP</i>	<i>NMI</i>	<i>NIM</i>
II	Cervidae	11	1	–
II	Cf. <i>Megalobulimus</i>	13	5	–
II	Gastrópode dulciaquícola	2	2	–
II	Peixe	5	2	–
II	Mamífero não identificado	34	3	–
II	Pomácea	2	2	–
II	Tayssuidae	5	1	–
II	Teidae	2	1	–
II	Testudina	3	1	–
III	Mamífero não identificado	–	–	1
IV	Cervídeo	1	1	–
IV	Hidroquerídeo	2	1	–
IV	Cf. <i>Megalobulimus</i>	3	3	–
IV	<i>Aylacostoma</i> sp.	1	1	–

Diante da considerável dominância dos restos de gastrópodes *Aylacostoma* sp. em relação aos demais grupos taxonômicos, foram realizados cálculos dos índices de diversidade para o efeito da comparação quantitativa intertaxonômica, ao longo dos níveis escavados no sítio arqueológico Jaguarundi. Para tanto, foram utilizados os índices ilustrados no quadro 24, plotados no programa estatístico PAST.

Quadro 24 - Índices de riqueza e diversidade ao longo dos níveis escavados no sítio arqueológico Jaguarundi

<i>Índices</i>	<i>Superfície</i>	<i>I</i>	<i>II</i>	<i>III</i>	<i>IV</i>
<i>Taxa_S</i>	4	8	13	1	4
<i>Indivíduos</i>	4	58	88	1	6
<i>Dominance_D</i>	0,25	0,7461	0,6206	1	0,3333
<i>Simpson_I-D</i>	0,75	0,2539	0,3794	0	0,6667

O índice de Simpson (1-D) fornece a idéia da probabilidade de se coletar aleatoriamente dois indivíduos de uma comunidade que, obrigatoriamente, pertençam a mesma espécie. O valor calculado de S' ocorre na escala de 0 a 1. Os valores próximos a 1, conforme observados na quadro 24, indicam menor diversidade (superfície e nível IV).

Assim, mesmo perante uma expressiva riqueza e diversidade de *taxa*, entre os níveis I e II, os *Aylacostoma* sp. constituíram o táxon mais abundante e, conseqüentemente, inflacionaram os valores de dominância e obliteraram os valores de diversidade de toda a assembléia arqueofaunística, resgatada entre os níveis I e II.

Diante dos dados acima analisados, tornou-se necessário contextualizá-los em uma escala ambiental de resultados. O pequeno número de indivíduos/táxon, resgatados no sítio Jaguarundi pode não refletir um retrato fiel da subsistência das populações humanas pretéritas que ocuparam esse abrigo. Tendo em vista esse pequeno número amostral, associado aos demais itens da cultura material, é possível concluir que os grupos humanos locais apresentaram uma ampla área de captação de recursos atribuídos à caça.

Interpretação dos dados do registro

O registro zooarqueológico do sítio Jaguarundi foi caracterizado por vestígios arqueofaunísticos de elevados graus de ação térmica, decomposição e de fragmentação. Neste contexto, foi possível inferir alguns dos fatores ecológicos e/ou humanos que determinaram esta composição arqueofaunística.

Os ossos dos vertebrados apresentaram assinaturas tafonômicas de queima e, conforme supracitado, um elevado grau de fragmentação e decomposição. As análises apontaram para uma possível relação quantitativa entre os ossos com indícios de ação térmica e os seus respectivos graus de fragmentação, ao longo das camadas. A intensa fragmentação e o comprometimento da integridade desta amostra inviabilizaram uma identificação taxonômica mais acurada. Contudo, análises mais detalhadas acerca dos fragmentos ósseos e suas correlações contextualizadas no espaço (e.g. fogueiras) ainda serão realizadas no âmbito do desenvolvimento deste trabalho.

Por outro lado, já foi possível verificar que os dados compilados para o sítio Jaguarundi resultaram em quantificações de abundância com baixo grau de confiabilidade para o número de fragmentos ósseos. Diante disso, foi possível concluir que tanto os valores de NMI quanto os valores de NISP foram afetados pelo grau de fragmentação da arqueofauna deste sítio. Os fragmentos ósseos e, até mesmo, as conchas de gastrópodes identificadas neste registro arqueofaunístico se revelaram em processo de decomposição (e.g. corrosão fungos). Outros restos arqueofaunísticos também apresentaram marcas de bioturbação (e.g. ação de raízes) e queima.

Determinante no grau de fragmentação de uma amostra arqueofaunística, o processo de preservação dos ossos requer condições ambientais peculiares, atribuídas a agentes bióticos e abióticos, intrinsecamente correlacionados e antagônicos aos processos de decomposição da matéria orgânica. Estas condições podem não ser estabelecidas em sítios a céu aberto durante os processos de formação e os eventos pós-deposicionais.

As carcaças de animais constituem um substrato para a ação dos microrganismos e de vertebrados decompositores. Como resultado da ação da biota do solo, os ossos continuam a compor um outro estágio de substrato para outras classes de decompositores. A interferência humana, a ação de decompositores, as bioturbações e a ciclagem de nutrientes constituem, entre outros, os processos que levam ao estabelecido do registro zooarqueológico, tal qual os arqueólogos encontram e investigam (Pacheco, 2009).

O elevado número fragmentos ósseos de vertebrados, em relação ao NMI, resgatados no Jaguarundi, por exemplo, fortaleceu a hipótese de que o intenso processamento térmico e de bioturbação da arqueofauna pode ter impulsionado o ataque dos microrganismos sobre a carcaça e, em maiores temperaturas, também pode ter favorecido a desestruturação do colágeno e a perda da rigidez óssea. Qualquer um destes eventos explicaria o elevado grau de fragmentação desta amostra (Child, 1995; Junqueira e Carneiro, 1997).

Além dos indícios de ação térmica e decomposição, a arqueofauna em questão apresentou assinaturas tafonômicas de abrasão mecânica. Portanto, os vestígios arqueofaunísticos deste sítio, depositados pela ação humana, também sofreram processos de decomposição pós-deposicional.

Portanto, a caça e as demais atividades de subsistência, realizadas durante esses eventos sazonais resultaram em um inexpressivo universo amostral de vestígios arqueofaunísticos que pode ser atribuído ao constante ciclo biogeoquímico a que as partes orgânicas da cultura material são submetidas.

Além dos fatores pós-deposicionais, o pequeno número amostral da arqueofauna resgatada no registro zooarqueológico do sítio Jaguarundi não reflete, de maneira detalhada, a dieta total deste grupo. Adicionalmente, vale ressaltar que a base da subsistência Aratu foi a agricultura. Por outro lado, este fato não refutou a hipótese de que estas ocupações humanas também poderiam estar associadas a um contexto, incipiente, de caça.

Diante disso, e conforme os dados acima delineados para a arqueofauna é parcimonioso inferir que estas sociedades humanas pretéritas poderiam ter se utilizado da caça como complementação protéica em sua dieta, de maneira coletiva e, em alguns casos, próximas às aldeias.

Notas do capítulo 6

(3) A coleção osteológica do LPA/UFMS foi utilizada para o efeito das comparações taxonômicas com a arqueofauna resgatada no sítio Jaguarundi, uma vez que os esqueletos que a compõem são de exemplares de vertebrados oriundos dos biomas de Cerrado e Pantanal.

(4) Gráfico 1: relações entre as médias de NMI para os diferentes táxons através dos níveis (superfície, I, II, III e IV). Cada barra representa a média \pm erro para os valores de NMI ao longo dos níveis (* $p < 0,05$ e *** $p < 0,001$ refletiram diferenças significativas para os valores de abundância entre os táxons dos diferentes níveis relacionados neste gráfico).

(5) Gráfico 2: no nível superficial foram identificados poucos ossos atribuídos a vertebrados e restos de invertebrados. Em ambos os casos, os valores de NISP foram iguais aos de NMI e refletiram baixa representatividade amostral.

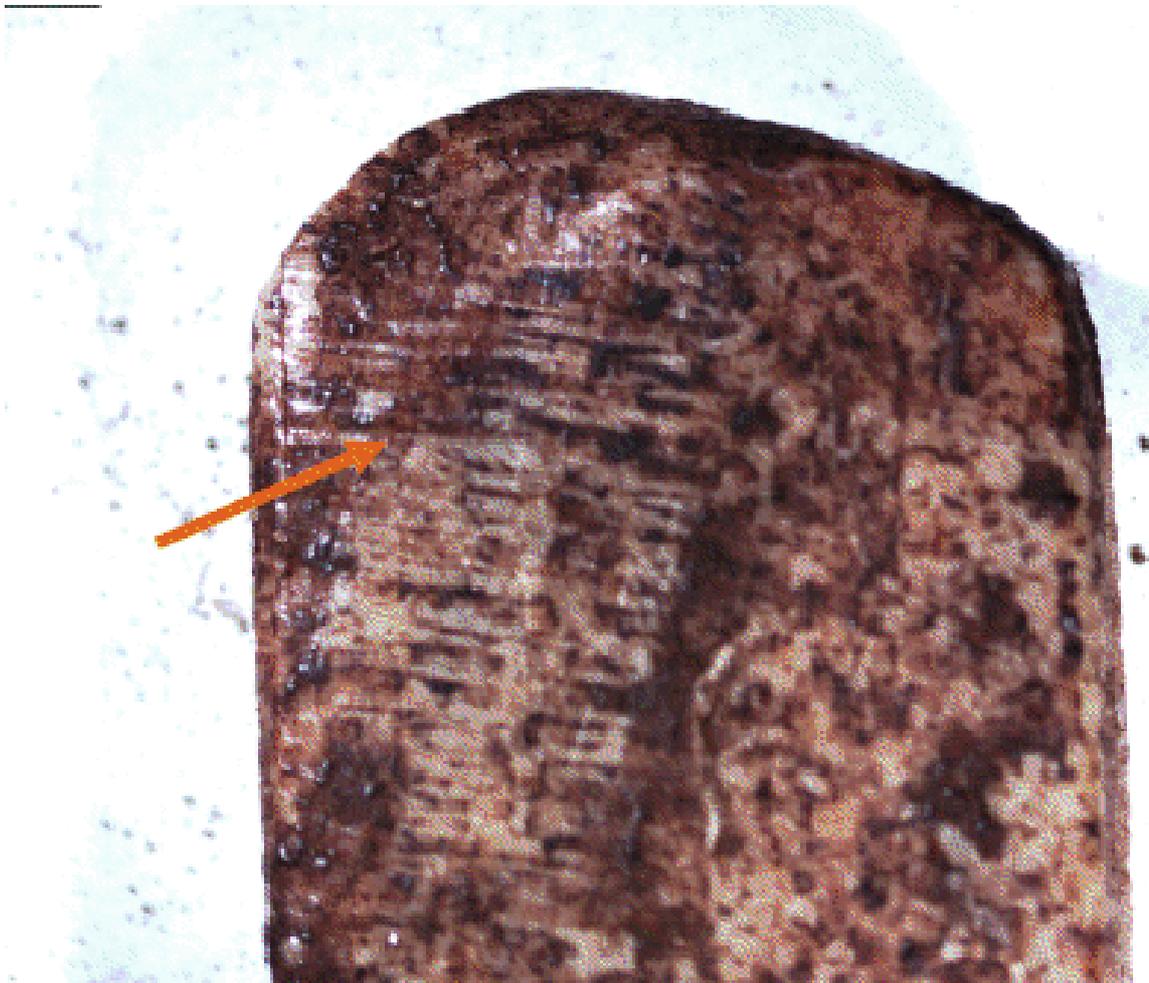
(6) Gráfico 3: no nível I foram identificados elevados índices de NISP e NMI para os táxons de gastrópodes. Embora inexpressivos em valores de NIDP e NMI, houve uma maior riqueza de vertebrados no nível I, em relação o nível superficial.

(7) Gráfico 4: no nível II foram compilados os maiores índices de riqueza e abundância da arqueofauna. Neste sentido, há um elevado número de táxons não identificados às categorias mais específicas, em função do elevado grau de fragmentação da amostra (e.g. mamíferos não identificados – classe; e artiodactilos – ordem).

(8) Gráfico 5: no nível 4, os valores de NISP e NMI voltam a ser iguais e não é constatada uma dominância de táxons, uma vez que vertebrados e invertebrados apresentaram quase os mesmos valores de abundância de restos arqueofaunísticos.

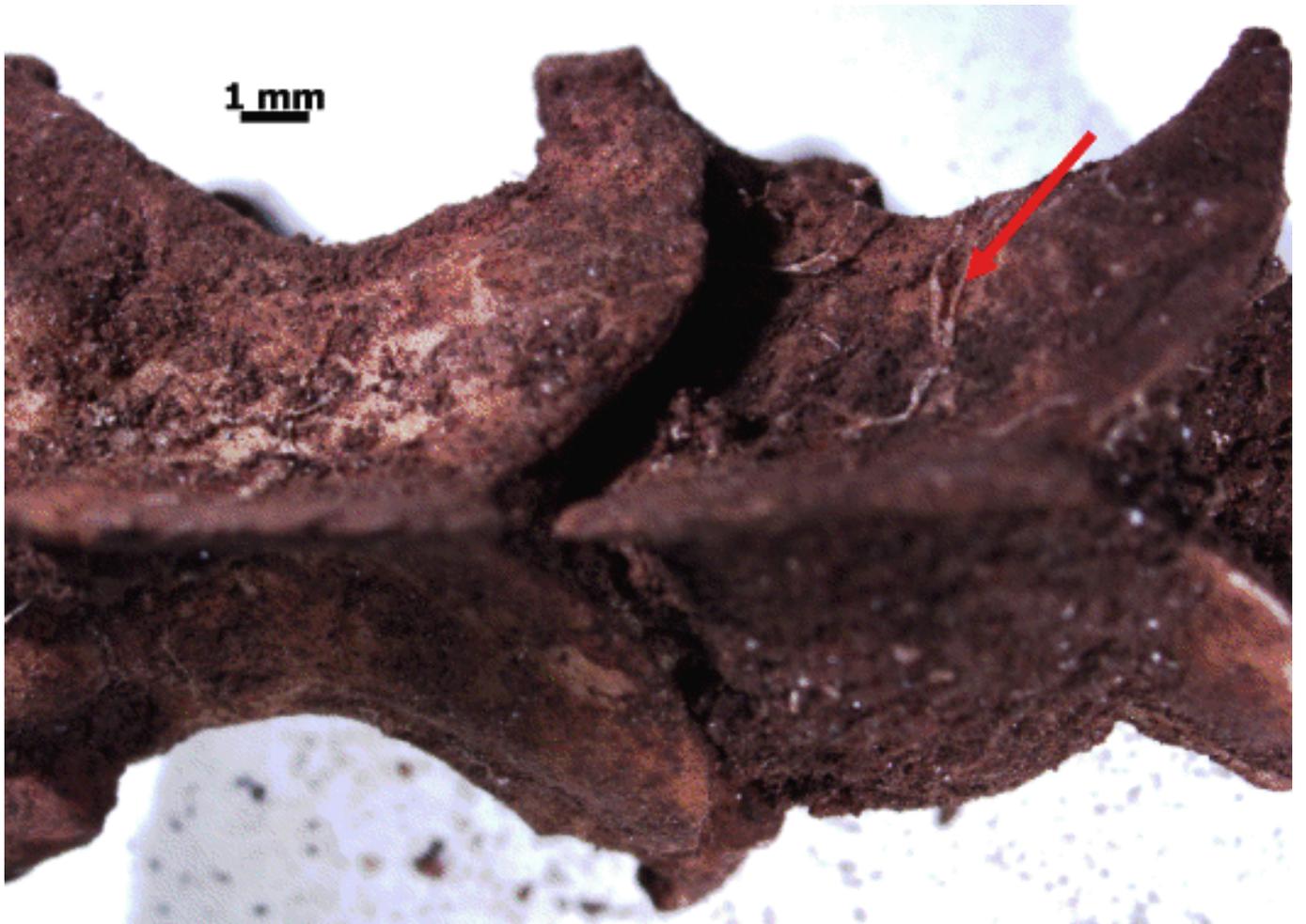
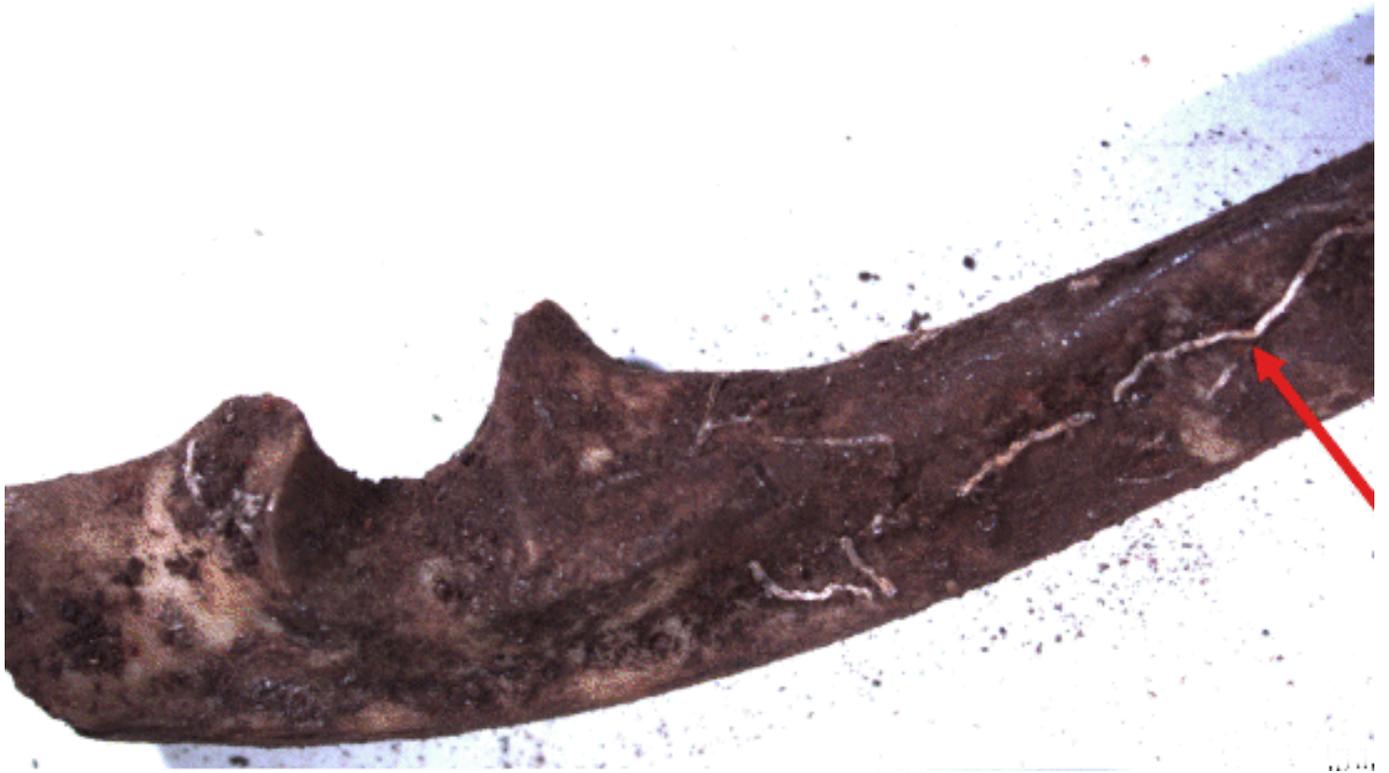
(9) Os fragmentos não ilustrados nesta tabela foram atribuídos a categorias taxonômicas não passíveis de identificação. A categoria taxonômica menos

específica, considerada nas análises deste trabalho, corresponderam à classe (e.g. aves e mamíferos). Quando muito fragmentada a amostragem, inerente às classes, foi evidenciada nas tabelas separadamente das categorias mais específicas.

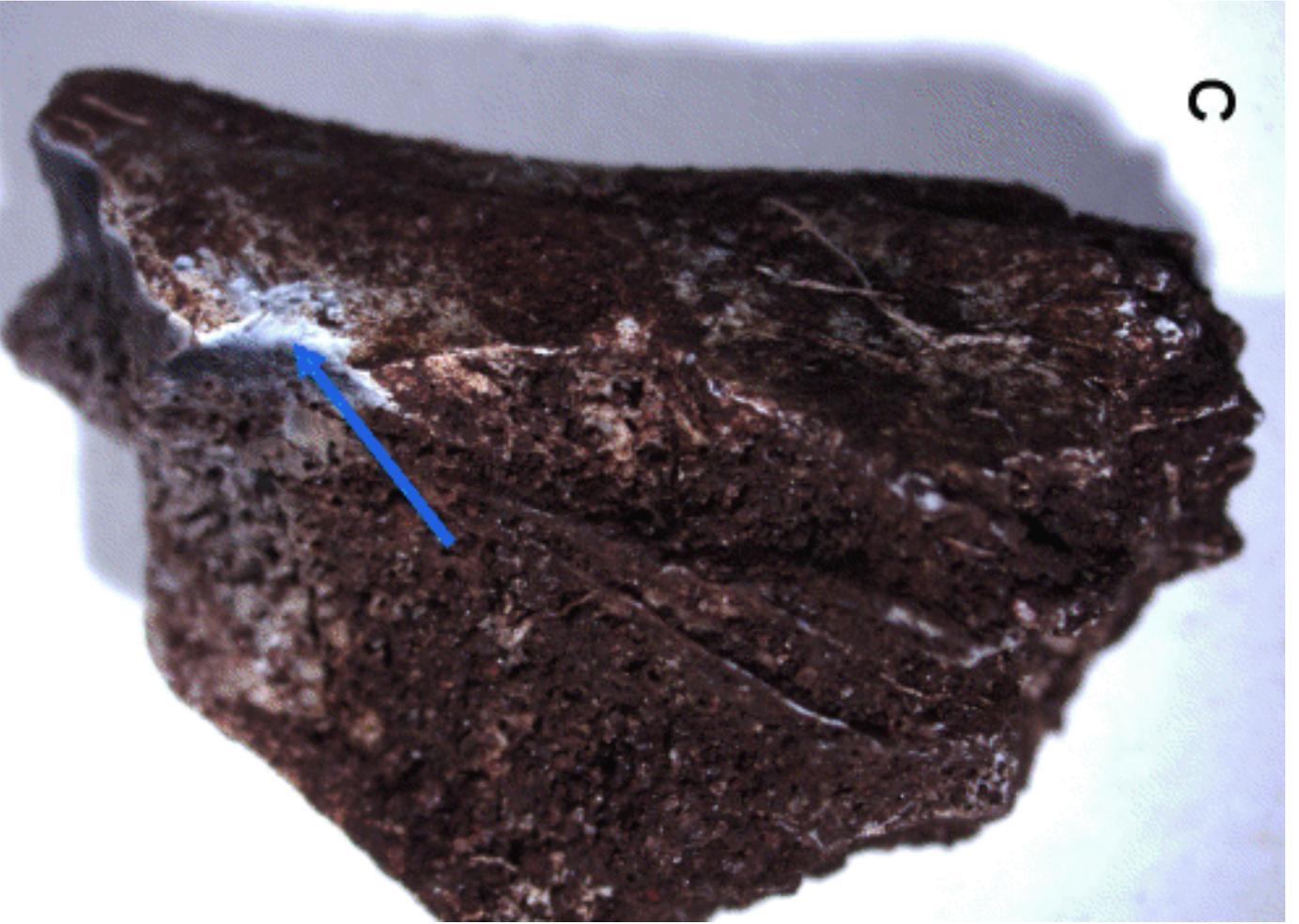


H





C



D



Prancha 1. Tafonomia básica dos restos faunísticos do sítio arqueológico Jaguarundi, GO. (A) ulna de mamífero associada a raízes; (B) vértebras articuladas de lagarto Teiidae; (C) fragmento de osso de mamífero calcinado; (D) espécime de *Aylacostoma* sp. em decomposição por ação da umidade; (E) fêmur de dasipodídeo senil com epífises desgastadas; (F) pélvis de dasipodídeo; (G) e (H) fragmentos de ossos de mamíferos médios polidos e com ação de abrasão; (I) quebra não recente em diáfise de osso de mamífero; (J) corrosão micológica em osso de mamífero. Explicações: setas vermelhas: raízes; seta azul: calcinação; setas pretas: quebras; setas laranjadas: abrasão; seta roxa: corrosão.

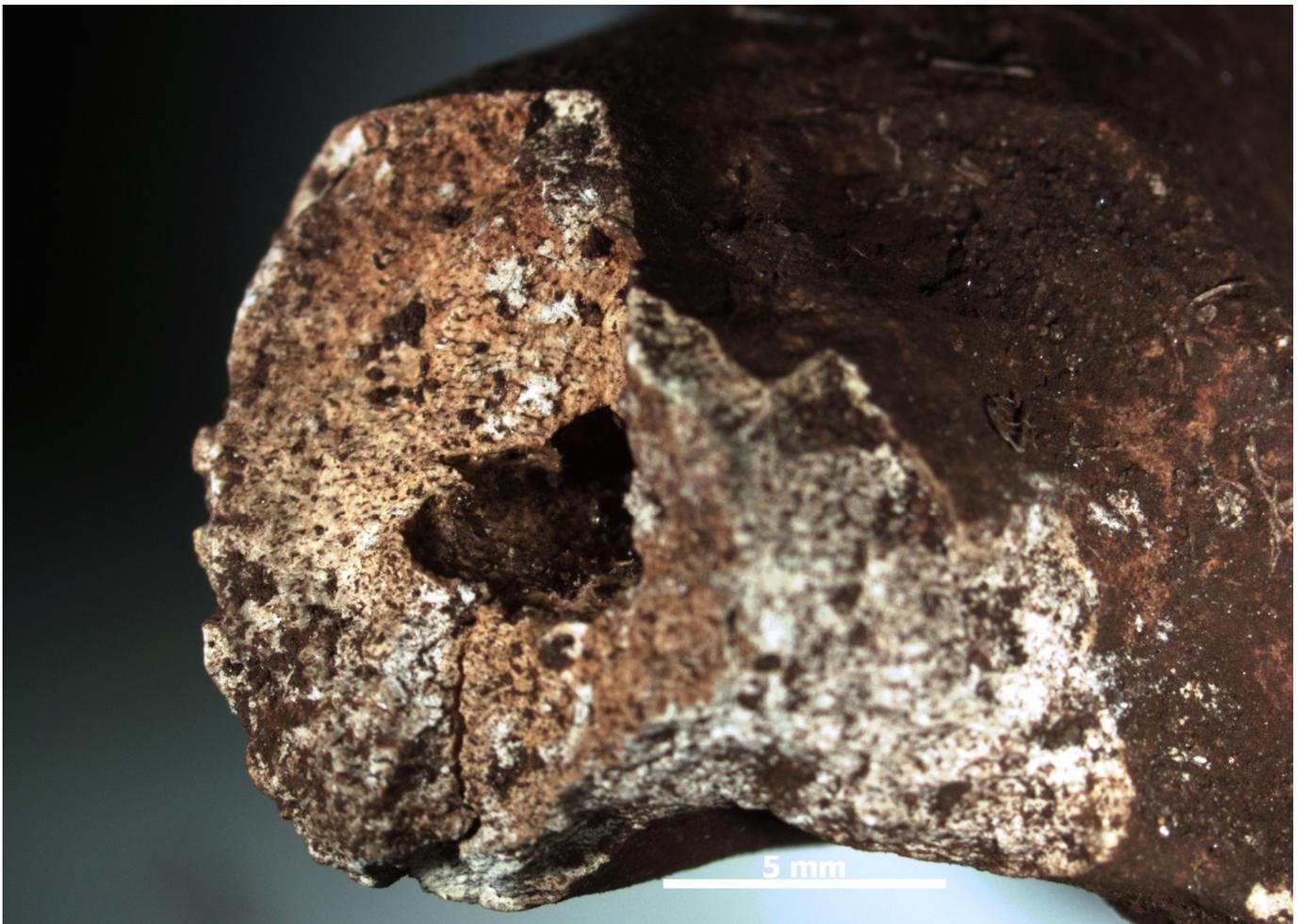
5 mm

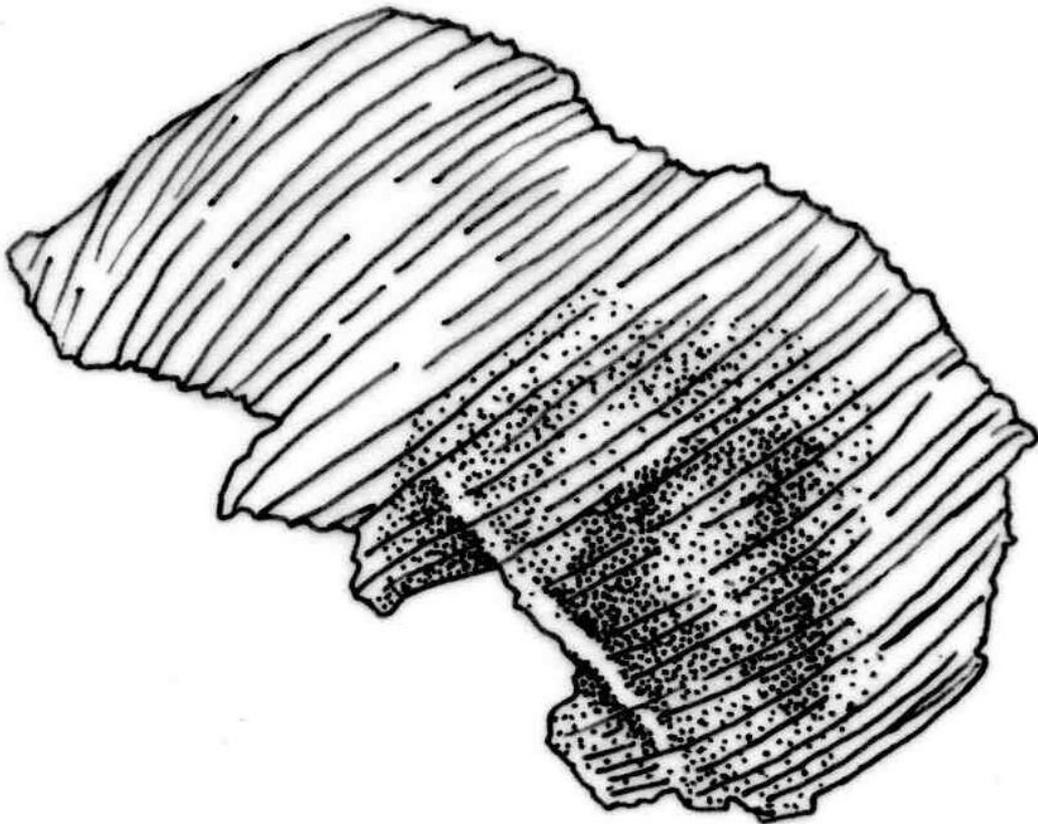
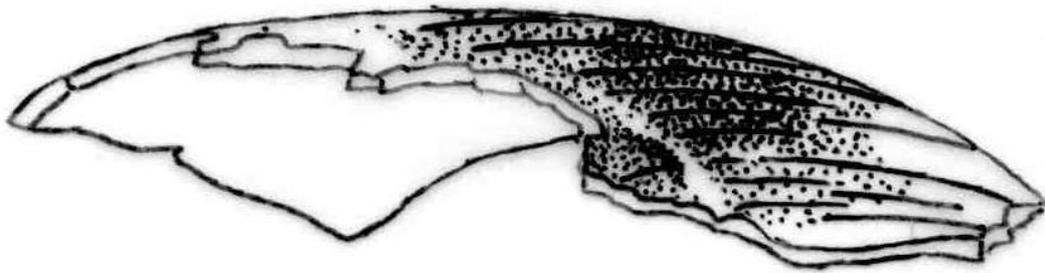


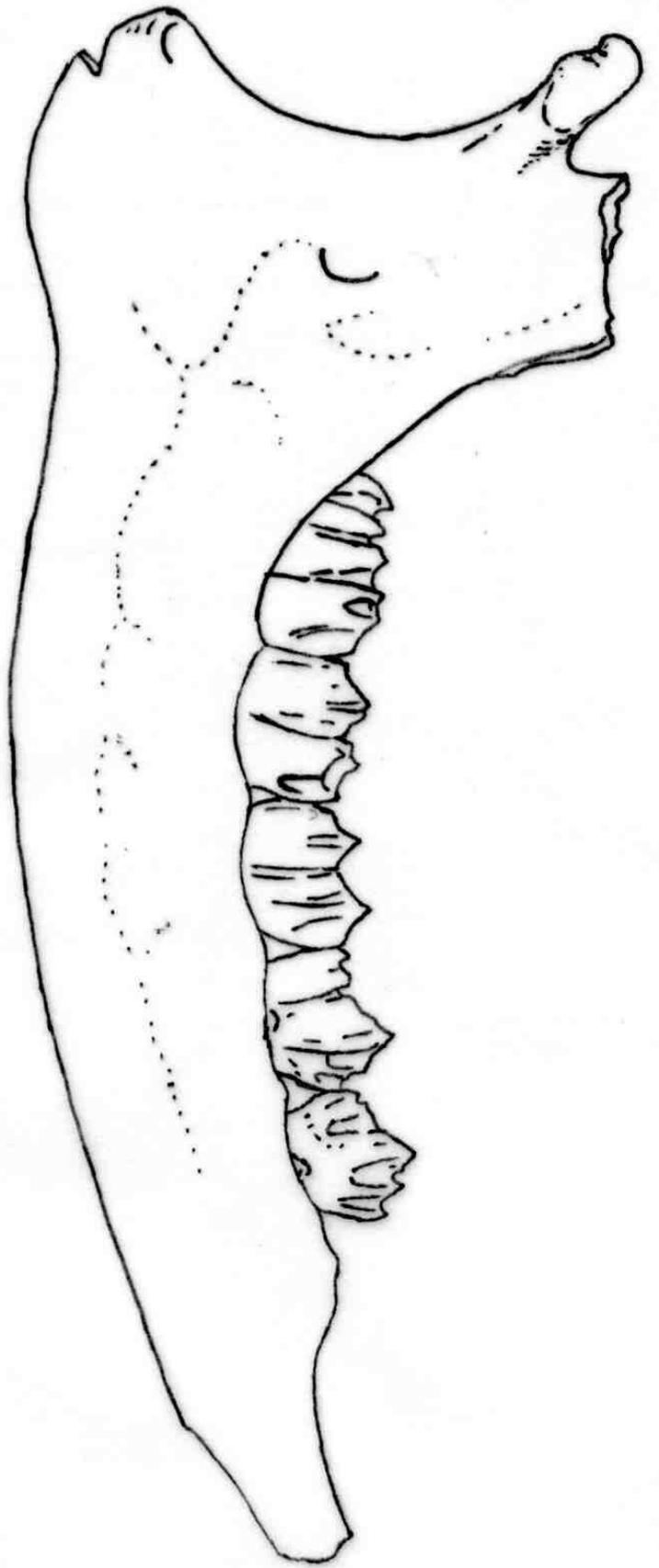
5 mm

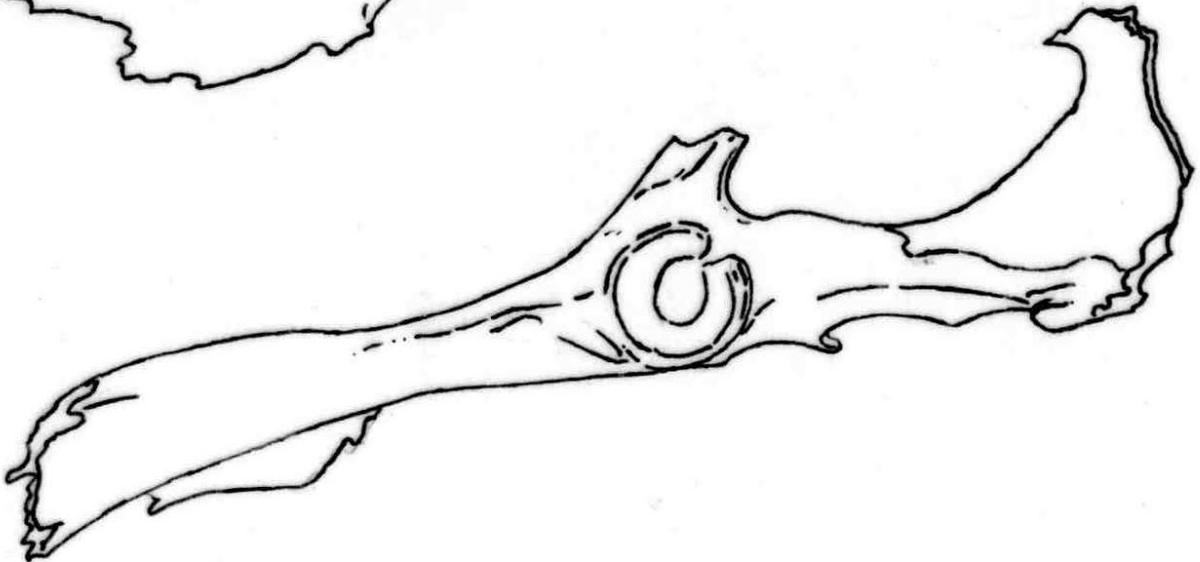
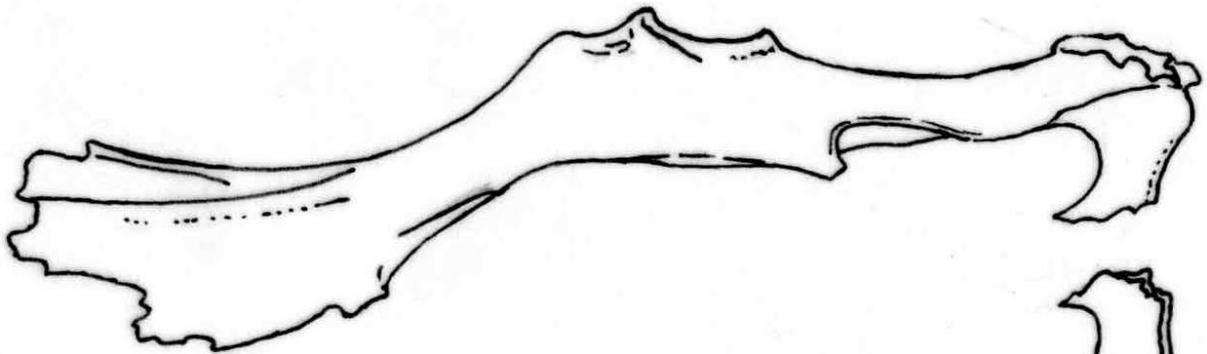
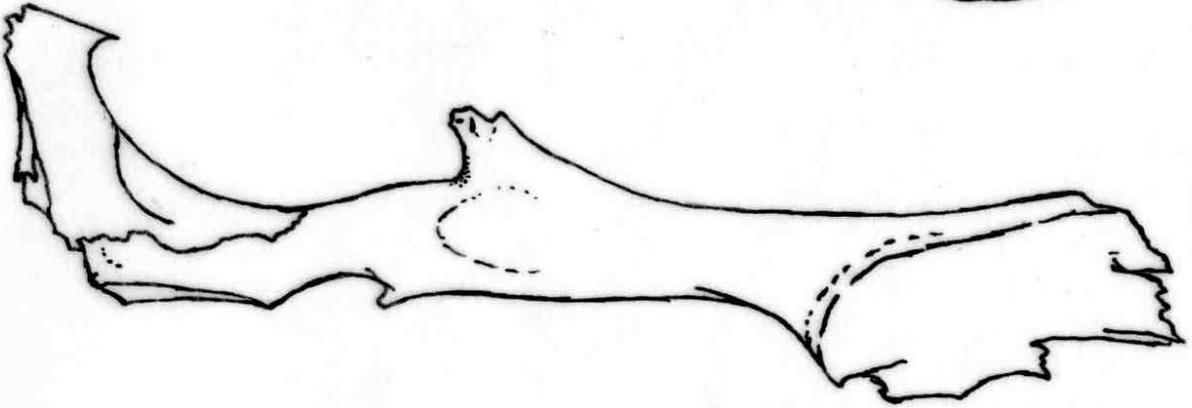
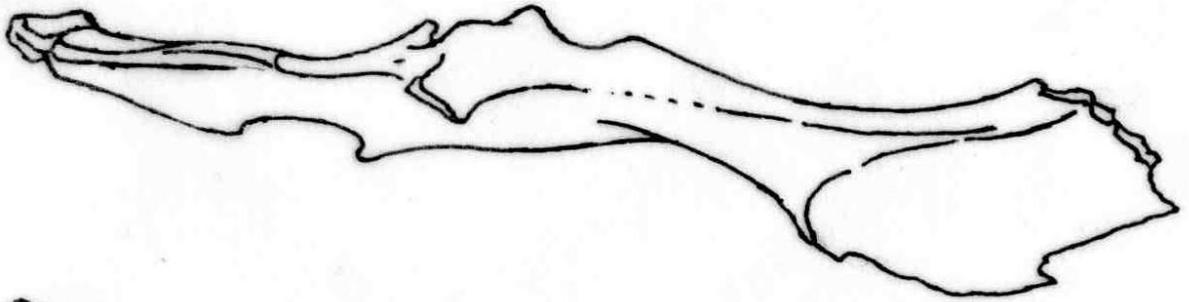


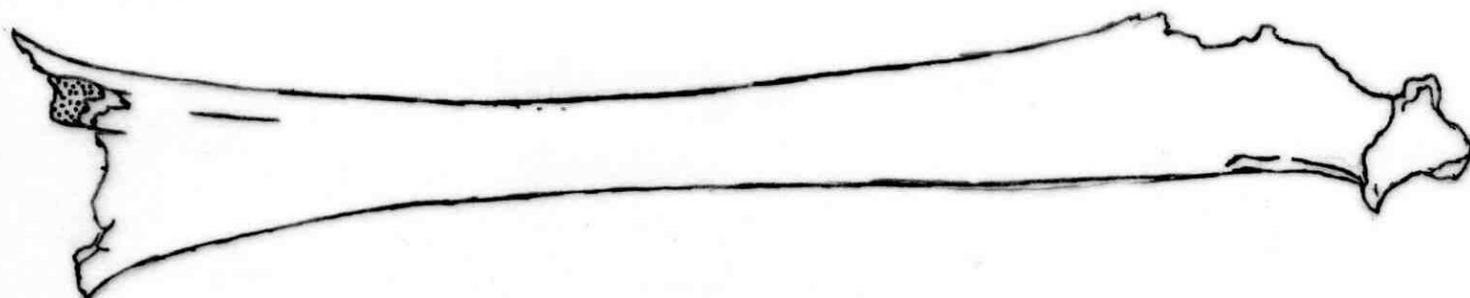
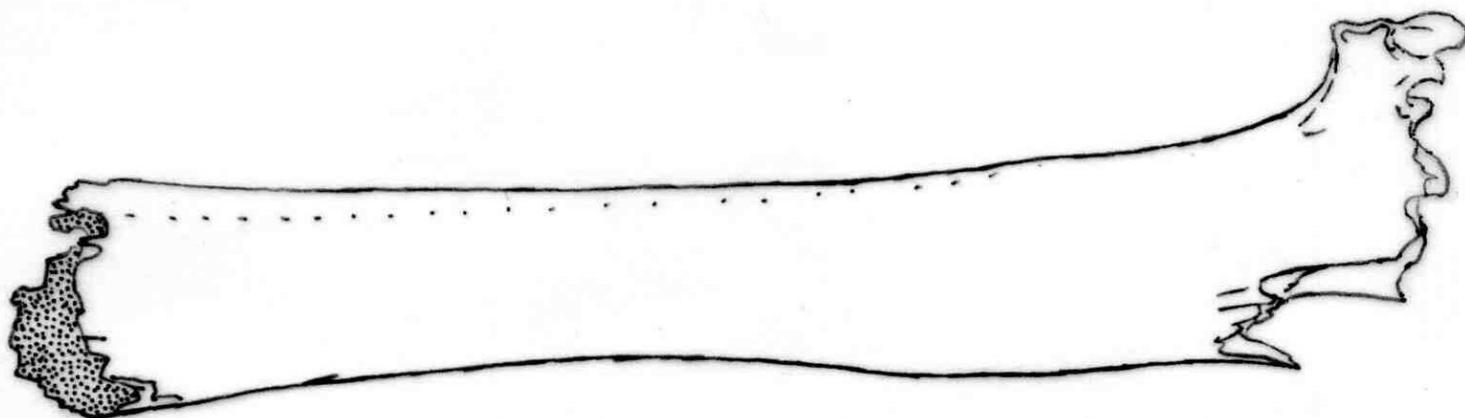
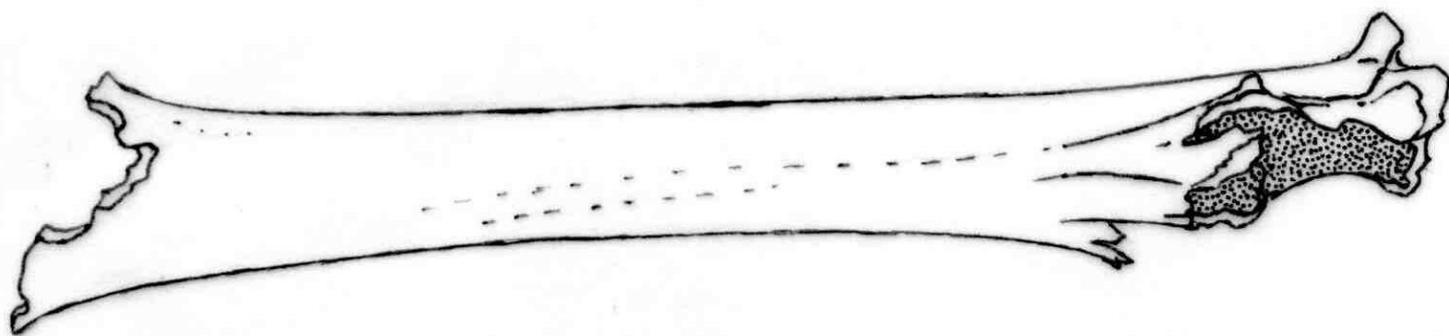
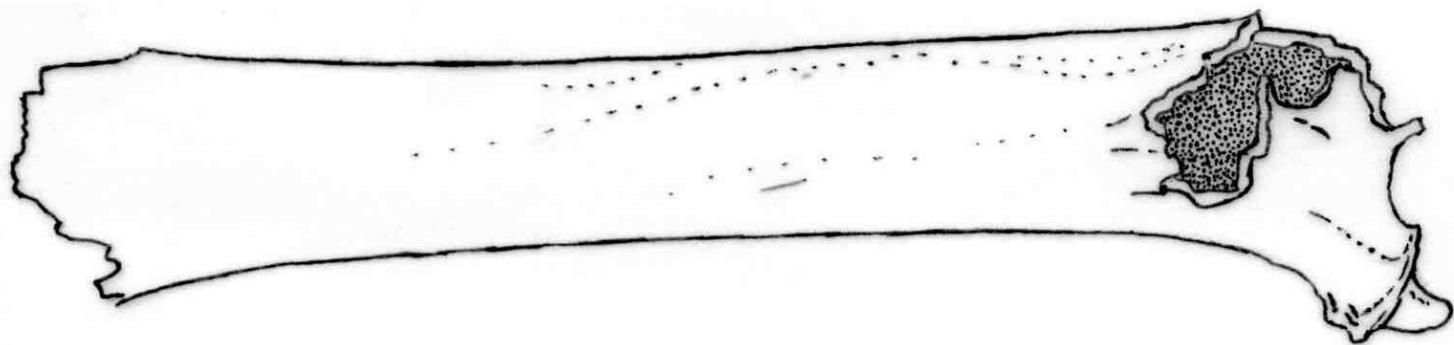


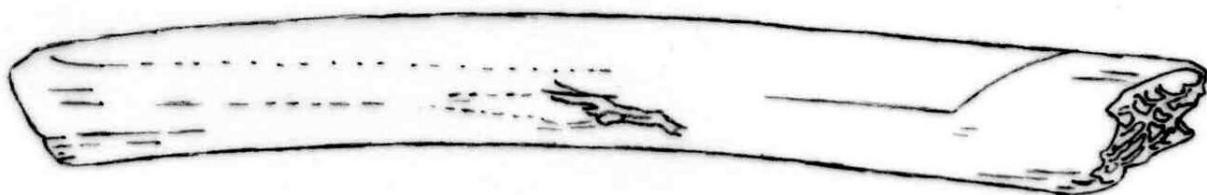
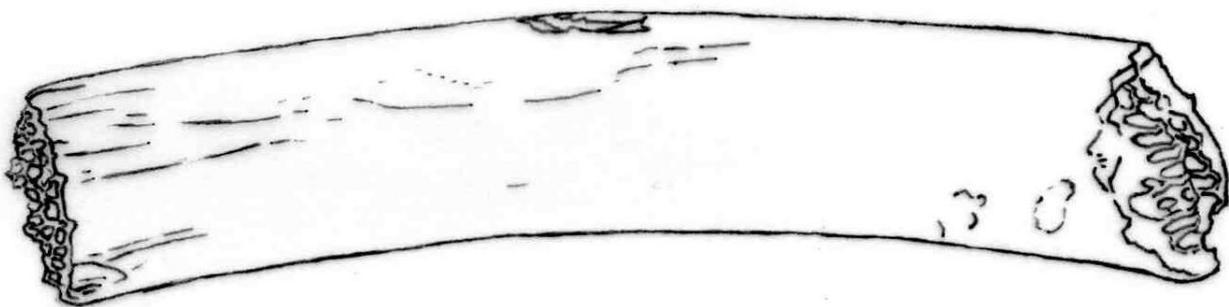


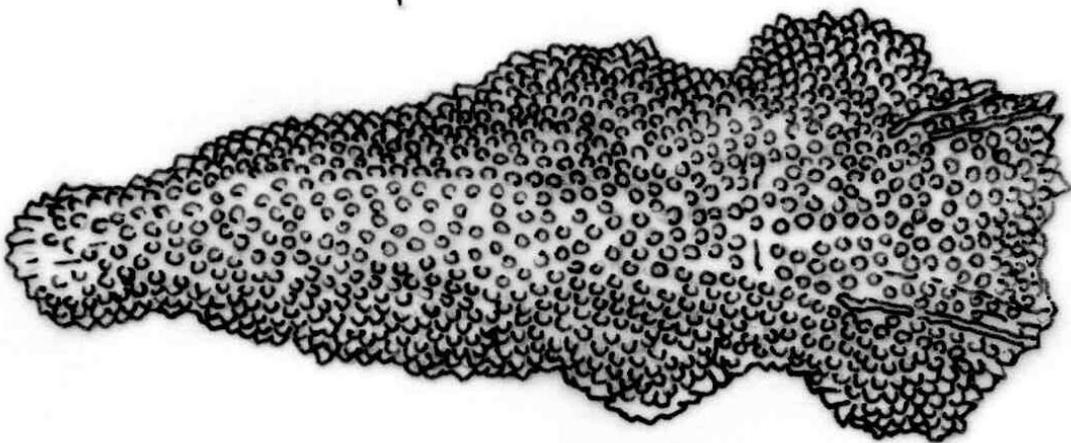
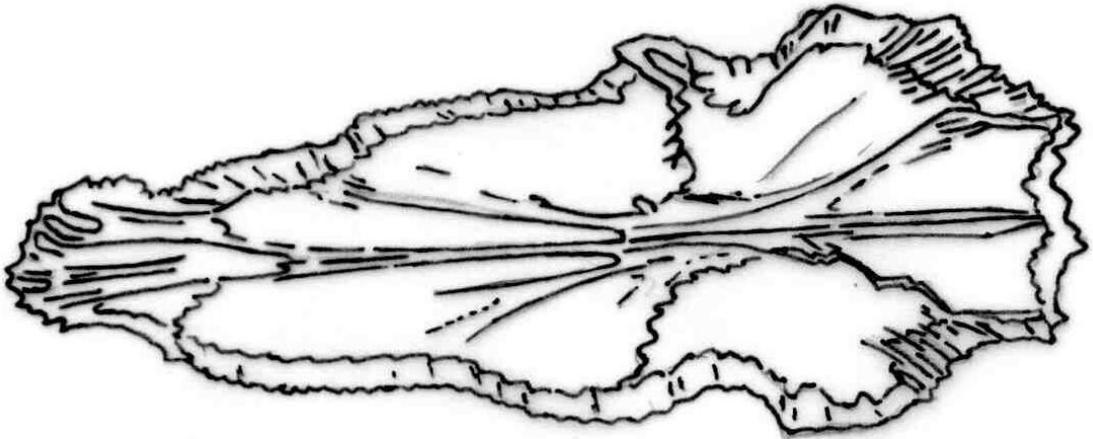
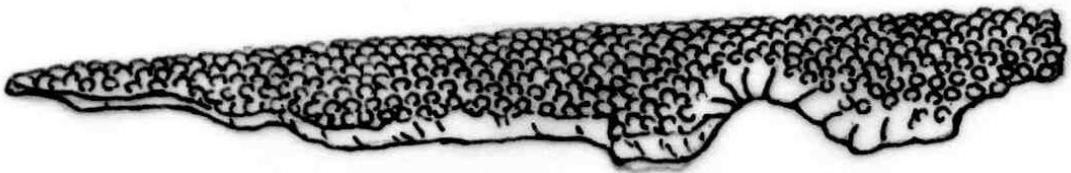


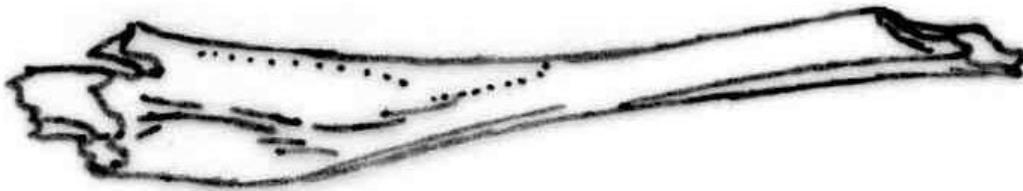
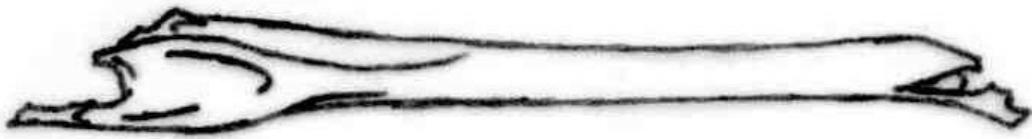


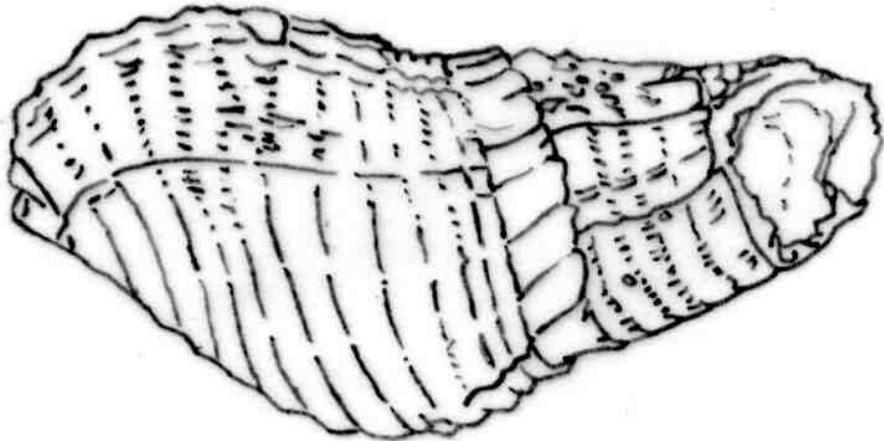
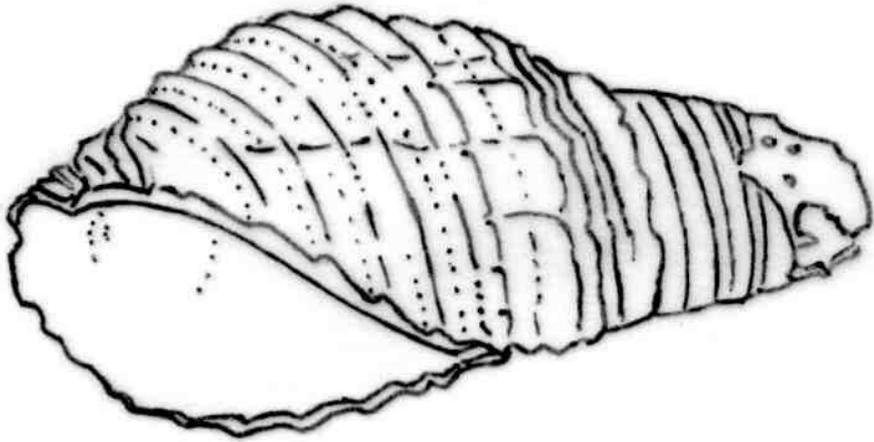
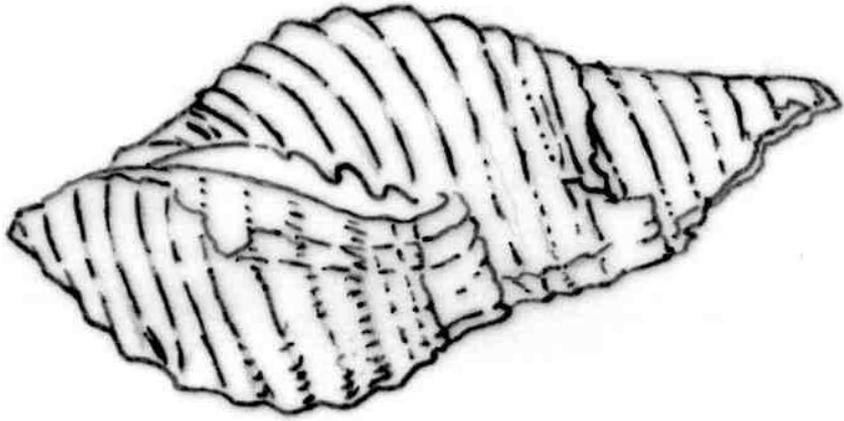












Considerações finais

O sítio Jaguarundi, apresenta evidências nítidas de ocupação de grupo agricultor-ceramista, com uma organização do assentamento em forma circular, representado pelas manchas escuras identificadas pelo solo de origem antropogênica. Ainda não pode-se afirmar que as 44 manchas tenham sido contemporâneas, pela discrepância das datações realizadas no sítio, futuras análises serão necessárias para entender com profundidade a dinâmica temporal do assentamento.

Podemos concluir a partir dessas considerações teóricas, que na aldeia denominada sítio Jaguarundi, agentes sociais produziam artefatos cerâmicos (comprovados empiricamente pela presença de roletes e bolotas de argila no espaço das habitações; ainda torna-se necessária a comprovação/indentificação das fontes de matéria-prima). E, que existem dados empíricos que fogem da classificação pronapiana do que seria enquadrado como tradição (arqueológica) Aratu-Sapucaí.

Até o momento parecem sugerir que essas fontes de captação de recursos naturais (minerais, animais e vegetais) ocorriam em áreas do entorno dos assentamentos próximos aos mesmos, desde coleta de argila, a retirada de rochas para lascamento e polimento da pedra.

A produção cerâmica apresenta uma recorrência em seus artefatos. Demonstrando que existe um *habitus* que orienta a ação de manufatura cerâmica, e como ele é produto das relações sociais, ele tende a assegurar a reprodução das relações objetivas que o engendram. Desse modo podemos pensar na existência de uma cadeia operatória de produção de artefatos, que é repassada por meio de mecanismos de aprendizagem.

A existência de um *habitus* de manufatura cerâmica, representado por artefatos localizados em um mesmo contexto temporal e espacial, e seu caráter transmissível, pode ser considerado como um delimitador do grupo.

Como também, o próprio uso dos artefatos cerâmicos, configura-se em uma característica demarcadora de etnicidade, a ser notada pelo cultivo do milho (associado à presença de cuscuzeiros), o cultivo de fibras vegetais e/ou algodão americano (associado à presença de rodela de fuso, indicadores da existência de técnicas de tecelagem e uso de produtos decorrentes desses processos), a estocagem

de grãos e líquidos (associados às urnas-silo, indicando a prática do cultivo da terra), a organização social (associada à disposição das habitações e presença de possíveis elementos rituais, como os vasos geminados; a questão da oposição e hierarquização apresenta segundo Lévi-Strauss (1996) uma forma de organização social muito presente nas estruturas da América do Sul, o esquema de organização dual, que está ligada intimamente com os modelos circulares das aldeias).

De mesmo modo, podemos destacar a utilização dos objetos em pedra voltados para desempenhar funções necessárias à vida na aldeia, como o desmatamento de árvores (lâminas-de-machado), cortar (lascas), perfurar (furadores), entre outros.

Constatou-se ainda que a base da dieta consumida no Jaguarundi tem como origem a agricultura incipiente, realizada provavelmente em roças localizadas na proximidade do assentamento. A caça deve ter tido a função de complementação calórica de proteínas de maneira coletiva.

As datas encontradas para o sítio o coloca em um período temporal que abrange os séculos I ao XVII, possuindo uma das mais antigas datações para aldeias circulares do Brasil Central.

Cabe ressaltar aqui, que amostras coletadas de diferentes manchas indicaram séculos diferentes para vestígios que se encontravam em *manchas pretas* distintas, o vem a ressaltar a necessidade de um estudo mais preciso, para identificação da contemporaneidade das estruturas habitacionais. O entendimento do aparecimento/desaparecimento/reaparecimento das cabanas no contexto da aldeia circular poderá inferir novas hipóteses para a reconstituição das dinâmicas sócio-culturais da aldeia, e ainda permitir comparações entre as cadeias operatórias de cada estrutura de habitação e deste modo perceber se existiram mudanças durante o período de existência da aldeia.

Os dados mais antigos levantados pelas datações absolutas avançam a aldeia para o século XVII, os aldeamentos Cayapó ocorridos na região do sítio são datados do século XVIII, sendo assim, o sítio Jaguarundi, até o momento, não pode ser considerado como uma das denominadas pelos viajantes de *grandes aldeias Cayapó*, que foram os últimos marcos da resistência dessas populações indígenas antes de seu desaparecimento.

Os elementos apresentados no sítio, parecem coincidir com o que foi postulado para os padrões da tradição Aratu, e mais especificamente da fase Mossâmedes, a única exceção parece ser a ausência de cachimbos, de sepultamentos e de tembetás.

A microrregião de Quirinópolis onde se encontra implantado o sítio, estava em um branco arqueológico com relação a presença de aldeias circulares, o sítio Jaguarundi vem a confirmar a existência de grupos agricultores-ceramistas que passaram pela região.

As demais microrregiões do contexto do sudoeste goiano, ainda devem apresentar novos indícios desses grupos populacionais, já que a historiografia relata para região uma intensa atividade de grupos indígenas nos séculos pós-Contato, XVI até o XVII, quando a maioria das populações indígenas da região é reduzida drasticamente.

Sendo assim, novos estudos contribuirão para identificação de aldeias similares, com similaridades artefatuais que fornecerão novos dados para a compreensão da locomoção de grupos Macro-Jê dentro do território nacional.

Referências bibliográficas

AB'SABER, A. N.; COSTA JÚNIOR, M.

- 1950 Contribuição ao estudo do sudoeste goiano, *Boletim Paulista Geographico*, 2(4), p. 3-26.

ALBISETTI, C. A.; VENTURELLI, J.

- 1962 *Enciclopédia Bororo*, v. 1. Campo Grande: Instituto de Pesquisas Etnográficas, Publicações 1 do Museu Regional Dom Bosco.

ALENCASTRE, J. M. P. de.

- 1979 *Anais da Província de Goiás*. Goiânia: SUDECO e Governo de Goiás, Secretaria de Planejamento e Coordenação.

ALVES, C. A.

- 1991 Cerâmica pré-histórica no Brasil: avaliação e proposta, *Clio – Série Arqueológica*, Universidade Federal de Pernambuco, 7(1), p. 11-83.

ALVES, M. A.

- 1982 *Estudo do sítio Prado – um sítio lito-cerâmico colinar*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

- 1988 *Análise cerâmica: estudo tecnotipológico*. Tese de Doutorado, Departamento de Antropologia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

- 1991 Culturas ceramistas de São Paulo e Minas Gerais: estudo tecnotipológico, *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1, p. 71-96.

- 1994 Estudo técnico em cerâmica pré-histórica do Brasil, *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, Universidade de São Paulo, São Paulo, 4, p. 39-70.

- 1994/95 O emprego da microscopia petrográfica, difratometria de raios X e microscopia eletrônica no estudo da cerâmica pré-colonial do Brasil, *Revista de Arqueologia*, Universidade de São Paulo, São Paulo, 8, p. 27-47.

- 1997 Estudo da cerâmica pré-histórica no Brasil: das fontes de matéria-prima ao emprego de microscopia petrográfica,

difratometria de raios X e microscopia eletrônica, *Clio* – Série Arqueológica, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1, p. 12-86, 1997.

ALVES, M. A.; GIRARDI, V. A.

1989

BOURDIEU, P.

2002

Esboço de uma teoria da prática. Oeiras: Celta.

BRASIL, A. do.

1961

Súmula da história de Goiás. Goiânia: Departamento Estadual de Cultura.

BUCCI, R. L. F.

2007

Projeto de Salvamento Arqueológico do AHE Salto do Rio Verdinho (PA-SALV-SRV): Relatório de Geoarqueologia. Goiânia: UFG/MA/LabArq.

CALDERÓN, V.

1969

A Fase Aratu no Recôncavo e Litoral Norte do estado da Bahia. *Publicações avulsas nº 13*, Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas 3: Resultados Preliminares do Terceiro Ano 1967 – 1968, Belém, Museu Paraense Emílio Goeldi, p. 161-167.

1971

Breve notícia sobre a Arqueologia de duas regiões do estado da Bahia. *Publicações avulsas nº 15*, Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas 4: Resultados Preliminares do Quarto Ano 1968 – 1969, Belém, Museu Paraense Emílio Goeldi, p. 163-172.

1974

Contribuição para o conhecimento da Arqueologia do Recôncavo e sul do estado da Bahia. *Publicações avulsas nº 26*, Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas 5: Resultados Preliminares do Quinto Ano 1969 – 1970, Belém, Museu Paraense Emílio Goeldi, p. 144-152.

CASTELNAU, F.

1949

Expedições às regiões centrais da América do Sul. São Paulo: Nacional.

CHAIM, M. M.

1974

Os aldeamentos indígenas na capitania de Goiás. Goiânia:

Oriente.

CHYMZ, I.

- 1975 *Curso de aperfeiçoamento em métodos e técnicas arqueológicas: relatório e nota prévia sobre a fase Cachoeira. Goiânia: Museu Antropológico, Universidade Federal de Goiás.*

COLBACCHINI, A.; ALBISETTI, C.

- 1942 *Os Boróros orientais orarimugodge do Planalto Oriental de Mato Grosso. São Paulo: Companhia Editora Nacional.*

DIAS JÚNIOR, O. F.

- 1971 *Breves notas a respeito das pesquisas no sul de Minas Gerais. Publicações avulsas nº 15, Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas 4: Resultados Preliminares do Quarto Ano 1968 - 1969, Belém, Museu Paraense Emílio Goeldi, p. 133-142.*

EHRENREICH, P.

- 1982 *Divisão e distribuição das tribos do Brasil, segundo o estado atual dos nossos conhecimentos. Revista da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, v. 8(1), p. 30-55.*

EVANS, C.; MEGGERS, B.

- 1969 *Introdução. Publicações Avulsas nº 13, Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas 3: Resultados Preliminares do Terceiro Ano 1967 - 1968, Belém, Museu Paraense Emílio Goeldi, p. 7-9.*

FACCIO, N. B.; SOUZA, M. de L.; VAZ, L. J. de M.; SANTOS, R. R. dos.

- 1998 *Subprograma materiais arqueológicos: cerâmica. In: MARTINS, D. C. (coord.). Relatório conclusivo do PA-SALV-SM, UFG. Goiânia: UFG/MA, v. IV.*

FENSTERSEIFER, E.; SCHMITZ, P. I.

- 1975 *Fase Iporá, uma Fase Tupiguarani no Sudoeste de Goiás. Goiânia: Anuário de Divulgação Científica, n. 2, ano II, p. 19-70. Gabinete de Arqueologia da Universidade Católica de Goiás.*

GIRALDIN, O.

- 1997 *Cayapó e Panará: luta e sobrevivência de um povo Jê no Brasil Central. Campinas: Editora da UNICAMP.*

HEELAS, R. H.

- 1979 *The social organization of the Panara: a Gê tribe of Central Brazil. Tese (PhD) - Oxford University.*

LEMONNIER, P.

- 1986 The study of material culture today: toward an Anthropology of technical systems. *Journal of Anthropological Archaeology*, 5, p. 147-186.
- 1992 *Elements for an anthropology of technology*. Michigan Research, 88, Museum of Anthropological Michigan.
- 2002 Introduction. In: _____. (ed.). *Technological choices: transformation in material culture since the Neolithic*. Londres e Nova Iorque: Routledge, pp. 1-35.

LEROI-GOURHAN, A.

- 1971 *Evolução e técnicas: I – o homem e a matéria*. Lisboa: Edições 70.

LÉVI-STRAUSS, C.

- 1974 Introdução: a obra de Marcel Mauss. In: MAUSS, M. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: EPU, v. II, pp. 1-36.
- 1996 *Antropologia estrutural*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.

LOUKOTKA, C.

- 1968 *Classification of South American Indian Languages*. Los Angeles: Latin American Center, University of California, UCLA.

LOWIE, R. H.

- 1946a The indians of Eastern Brazil. In: _____. (ed.). *Handbook of South American Indians*. Washington: Smithsonian Institution, v. I, p. 381-397.
- 1946b The southern Caiapó. In: _____. (ed.). *Handbook of South American Indians*. Washington: Smithsonian Institution, v. I, p. 519-520.

MACHADO DE OLIVEIRA, J. J.

- 1982 Os Caiapós: sua origem; descobrimento; acometimentos pelos mamelucos... *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, XXIV, p. 491-524.

MARTINS, D. C.

- 2007a *I Relatório Semestral do Pré-projeto de Salvamento Arqueológico do Aproveitamento Hidroelétrico Salto do Rio Verdinho: Canteiro de Obras*. Goiânia, UFG/MA/LabArq.
II Relatório Semestral do Pré-projeto de Salvamento Arqueológico

- 2007b *do Aproveitamento Hidroelétrico Salto do Rio Verdinho*. Goiânia, UFG/MA/LabArq.
- MARTIUS, C. F. P. V.
- 1867 *Beiträge zur Ethnographie und Sprachenkunde Amerikas zumal Brasiliens: I – zur ethnographie*. Leipzig: Friedrich Fleischer Verlag.
- MATTOS, R. da C.
- 1979 *Chorographia histórica da Provincia de Goyaz*. Goiânia: Sudeco e Governo de Goiás, Editoria Líder.
- MAUSS, M.
- 1974^a Ensaio sobre a dádiva. Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: MAUSS, M. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: EPU, v. II, pp. 37-184.
- 1974b As técnicas corporais. In: MAUSS, M. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: EPU, v. II, pp. 209-234.
- MEGGERS, B. J.; EVANS, C.
- 1970 *Como interpretar a linguagem da cerâmica: manual para arqueólogos*. Washington: Smithsonian Institution.
- MELLO, J. M. de.
- 1918 Carta para a Corte em 1760. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, v. 84.
- MELO, E. L.; BREDA, J. I.
- 1972 *Carta Arqueológica: Divisão Regional para Cadastramento de Sítios Arqueológicos do Estado de Goiás*. Goiânia, Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás.
- NIMUENDAJÚ, C.
- 1981 *Mapa etno-histórico de Curt Nimuendajú*. Rio de Janeiro: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.
- PALACÍN, L.; MORAES, M. A. de S.
- 1975 *História de Goiás*. Goiânia: Imprensa da Universidade Federal de Goiás.
- PRADO JÚNIOR, C.
- 1992 *do Brasil contemporâneo*. São Paulo: Brasiliense.
- PROUS, A.
- 1992 *Arqueologia brasileira*. Brasília: Editora da Universidade de

Brasília, p. 345-358.

RAVAGNANI, O. M.

1987 *Aldeamentos oficiais goianos*. Araraquara: Departamento de Antropologia, UNESP, (mimeografado).

ROBRAHN-GONZÁLEZ, E. M.

1996 *A ocupação ceramista pré-colonial do Brasil Central: origens e desenvolvimento*. São Paulo, 1996. Tese de Doutorado – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

SAINT-HILAIRE, A. de.

1975 *Viagem às nascentes do rio São Francisco e pela província de Goiás*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.

SCHMITZ, P. I.

1974 *Arqueologia do Estado de Goiás. Estudos Goianienses*, Ano II, n. 2, Goiânia, Universidade Federal de Goiás, p. 133-140.

SCHMITZ, P. I.; BARBOSA, A. S.; RIBEIRO, M. B.

1978/79/80 Os cultivadores do planalto e do litoral. In: III Seminário Goiano de Arqueologia, 1980, Goiânia, GO. *Anuário de Divulgação Científica*. Goiânia, GO. : UCG. v. 9. p. 1-77.

SCHMITZ, P. I.; WÜST, I.; COPÉ, S. M.; THIES, U. M. E.

1982 *A Arqueologia do centro sul de Goiás: uma fronteira de horticultores indígenas no centro do Brasil*. *Pesquisas, Antropologia* nº 3, ano 1982. Rio Grande do Sul: Instituto Anchietano de Pesquisas, p. 6-7, 49-64, 246-248, 266-268.

SILVA E SOUZA, L. A. da.

1874 *Memória sobre o descobrimento, governo, população e coisas mais notáveis da Capitania de Goyaz*. *Revista do Instituto Histórico e Geographico Brasileiro*, v. XIII, Rio de Janeiro, p. 429-510.

SCHWARTZMAN, S.

1987 *The Panara of the Xingu National Park: the transformations of a society*. Tese (PhD) – University of Chicago.

WÜST, I.

1983 *Aspectos da ocupação pré-colonial em uma área do Mato Grosso de Goiás: tentativa de análise espacial*. São Paulo, 1983. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de

São Paulo, São Paulo, Vol. I & II.

- 1990 *Continuidade e Mudança: Para uma Interpretação dos Grupos Ceramistas Pré-Coloniais da Bacia do Rio Vermelho, Mato Grosso. São Paulo. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, Vol. I & II.*

WÜST, I.; BARRETO, C.

- 1999 The ring villages of Central Brazil: a challenge for Amazonian Archaeology. *Latin American Antiquity*, v. 10, n. 1, mar., p. 3-23.

WÜST, I.; SCHMITZ, P. I.

- 1975 Fase Jataí - estudo preliminar. *Anuário de Divulgação Científica*, ano II, n. 2, Goiânia, Gabinete de Arqueologia da Universidade Católica de Goiás, p. 71-93.